

Um dia de vida da cidade nova, 23 abr. 1960

Dos enviados especiais
O Estado de S.Paulo, 23 abr. 1960

BRASÍLIA, 22 (*Estado*) – Às 9 horas e 30 de hoje, Brasília completou um dia de vida oficial. Criança que é, a nova Capital brasileira iniciou a manhã com uma festa dedicada às crianças, às centenas de crianças que aqui vivem e às muitas que aqui nasceram. Como convém a uma criança, Brasília também brincou. É claro, houve também coisas sérias, solenidades que se constituíram nos pontos altos da inauguração: a missa campal, os atos de instalação da Câmara, do Senado, do Congresso e dos Tribunais de instância superior. Para confirmar o tom de seriedade do acontecimento, veem-se em Brasília numerosas casacas e lustrosas cartolas. Colarinhos engomados, em cujos bordos percebe-se o autógrafo vermelho do planalto goiano.

Mas Brasília é uma criança. Ainda recém-nascida, brincou com fogo, naturalmente de artifício. Ontem à noite e hoje, entre uma e outra sessão solene, entre a chegada de um governador, um almoço oficial e a partida de um prelado, Brasília ilumina o seu céu com espetáculo multicolorido e barulhento.

Metamorfose

Milhares de assistentes acompanham o espetáculo e mal tem tempo de assimilar as maravilhas que lhes são mostradas em sessões contínuas, de manhã à noite. Este público é constituído por um bom número de crianças, mas, sobretudo, por uma esmagadora maioria de adultos. Adultos que, para poder gozar em sua plenitude tudo quanto lhes é dado ver, precisam a todo momento colocar-se na pele das crianças que já foram para, deste modo, tornarem-se permeáveis à grandiosidade, ao fausto, ao bombástico e imunizarem-se contra a poeira, a confusão, a precariedade dos meios de comunicação, os discursos laudatórios, repletos de vazio retórico.

A curiosidade infantil levou milhares de pessoas às solenidades da praça dos Três Poderes. Ao avançar das horas, muitos dormiram durante a missa; poucos dormiram no espetáculo pirotécnico.

Vítima ele próprio da metamorfose geral, o presidente da República quase sempre sorri. Por que sorri muito de manhã, franze a testa quando o dia vai em meio e não se furta a um bocejo quando desce a noite. Brinca bastante o presidente. Concede autógrafos às centenas, aperta a mão de todos quantos conseguem chegar-lhe perto. Dá entrevistas ao microfone e responde de bom grado, dezenas de vezes, às mesmas perguntas. Sua expansividade, por vezes, torna-se perigosa, como quando, por ocasião da cerimônia no monumento, o poeta Guilherme de Almeida e alguns ministros viram-no, desgostoso com o excessivo zelo dos guardas da Polícia do Exército, que impediam a aproximação do povo, esboçar um gesto de “venham cá”, e a multidão, numa fração de segundo obedeceu.

Até a natureza, honestamente brincalhona, colabora com o chefe do Executivo: momentos antes da assinatura dos atos da fundação, o céu de Brasília apresentava-lhe uma alvorada luminosa. À tarde, o desfile militar realizou-se sob a moldura de um gigantesco arco-íris. O espetáculo pirotécnico da noite de 21 de abril rivalizou com o cintilar das estrelas.

Rescaldo

A criança nasceu. A curiosidade que precedeu ao feliz evento, em boa parte satisfeita, mostra os seus efeitos. Vinte e quatro horas depois, há menos gente nas ruas de Brasília. O forasteiro já pode com alguma facilidade encontrar alimento. Pode também encontrar lugar para dormir.

Nas ruas fala-se menos francês, menos inglês, menos italiano e muito menos espanhol. Com um pouco de sorte, poderá encontrar-se um brasileiro. Agora, a poeira não é tanta nas ruas de Brasília. Ela é maior nas estradas que ligam a nova Capital aos diversos estados. Centenas de automóveis empreendem a viagem de regresso. Os aviões, que antes partiam de Brasília vazios, ainda não chegam vazios, mas partem cheios.

Brasília tem agora um dia de vida. Amanhã terá dois. Os que viram seu nascimento fazem conjecturas sobre o futuro da criança: tem boa saúde? Parece-se mais com o pai ou com a mãe? Será bem-sucedida na vida? Demorará muito a ter coqueluche?

Estas e outras perguntas, fazem-se a si mesmos e entre si os que estão ou estiveram em Brasília. Numa coisa, porém, são concordes: a criança é linda. Ainda é um pouco suja, mas, convenhamos, só tem um dia...

HERZOG, Vladimir. "Um dia da vida na cidade nova. Metamorfose. Rescaldo". *O Estado de S.Paulo*, São Paulo, 23 abr. 1960, p. 38, c. 5.